António de Sousa Braga

50 anos de Ordenação Sacerdotal

Domingo VI da Páscoa | Homilia

Caros confrades,

Ao completar 50 anos da minha ordenação sacerdotal, que recebi em Roma das mãos de São Paulo VI, a minha atitude é a mesma que sempre assumi ao longo da minha vida sacerdotal: dar graças a Deus por tudo o que me deu.

Considero que estes 50 anos de vida sacerdotal foram uma graça. Todos os dias procuro renovar essa consciência de que o meu chamamento para o sacerdócio é uma graça que eu recebi do alto. De graça e por graça. E devo dizer que, todos os dias, dou graças ao Senhor pelo dom da vida e por tudo o que, com esse mesmo dom da vida, recebi. Todos os dias, de manhã, começo o dia, recordando este privilégio de ter sido chamado ao sacerdócio e dando graças a Deus por isso. Todos os dias repito isto: "Jesus, o meu Senhor, o meu único Senhor, que não pode ter concorrentes. Servir o Senhor, o Senhor dos Senhores".

Foram e continuam a ser 50 anos muito preenchidos com várias missões. A cada uma me entreguei com o melhor de mim, para corresponder melhor à minha vocação religiosa e sacerdotal. E é assim que ainda hoje vivo: estou muito concentrado nesta doação da minha vida, que nós, Dehonianos, chamamos a oblação.

Hoje em dia, é a oração que cadencia o meu dia. É a celebração da Eucaristia que ocupa o centro do meu dia: não passo sem ela. Tenho por meu companheiro o breviário, sobretudo as leituras do Ofício de Leitura, o do dia e de outros dias, aos quais volto com prazer. Prezo a devoção mariana do terço – um ou mais –, preferencialmente na capela diante da imagem de Nossa Senhora que me diz, como está no seu resplendor: "O meu Imaculado Coração será o teu refúgio". Na capela, gosto muito de passar diante do sacrário, onde está o "patrão da casa", o "Senhor dos Senhores", porque Jesus está ali realmente presente. Enfim, sinto-me feliz por viver neste Seminário de Alfragide, onde já tinha trabalhado ao longo da minha vida. Voltar a esta casa é também uma graça, precisamente porque dediquei grande parte da minha vida à formação.

Hoje, lembro com gratidão o Papa Paulo VI, porque foi o Papa do Concílio Vaticano II: teve a coragem de levar a Igreja a concluir o Concílio e sobretudo promoveu a sua receção na Igreja. Lembro bem que naquela altura não foi fácil: uns que desejavam mais progressos, outros que

pretendiam que não se avançasse. Paulo VI tem esse mérito de ter jogado todo o seu pontificado para realizar o Concílio.

Por fim, manifesto a minha filial admiração pelo Papa Francisco que tem sido uma grande graça para a nossa Igreja, porque está a conduzi-la no sentido de evidenciar cada vez mais Jesus como o Nosso Senhor.

Uno-me ao Papa Francisco e rezo com as palavras de umas das orações que nos confiou para este mês de maio de 2020: "Maria, Mãe da graça, estimula a firmeza na fé, a perseverança no serviço, a constância na oração".

Gostaria de rezar, por fim, aquela oração, dirigida ao Espírito Santo, que, no dia da minha ordenação, São Paulo VI rezou por mim e por todos os que comigo foram ordenados sacerdotes:

"Vinde, Espírito Santo, e dai a estes ministros,
dispensadores dos mistérios de Deus, um coração novo,
que reavive neles toda a formação e a preparação que receberam,
que advirta, qual surpreendente revelação, o sacramento recebido,
e que corresponda sempre, com novo vigor, como hoje,
aos incessantes deveres do seu ministério ao serviço
do vosso Corpo Eucarístico e do vosso Corpo Místico:
um coração novo, sempre jovem e alegre.

Vinde, Espírito Santo, e dai a estes ministros,
discípulos e apóstolos de Cristo Senhor, um coração puro,
habituado a amá-l'O só a Ele, que é Deus convosco e com o Pai,
com a plenitude, a alegria e a profundidade que só Ele sabe infundir,
quando é o objeto supremo e total do amor
de um homem que vive da Vossa graça;
um coração puro que não conheça o mal,
senão para o definir, para o combater e fugir dele;
um coração puro, como o de uma criança,
capaz de se entusiasmar e trepidar.

Vinde, Espírito Santo,
e dai a estes ministros do Povo de Deus um coração grande,
aberto à Vossa silenciosa e potente palavra inspiradora
e fechado a todas as ambições mesquinhas,
alheio a qualquer desprezível competição humana,
e todo compenetrado do sentido da Santa Igreja;

um coração grande e ávido de se assemelhar ao coração
do Senhor Jesus e desejoso de encerrar dentro de si
as proporções da Igreja e as dimensões do mundo;
grande e forte para amar a todos,
para servir a todos e para sofrer por todos;
grande e forte para superar todas as tentações e provações,
todo o tédio, todo o cansaço, toda a desilusão e toda a ofensa;
um coração grande, forte e constante,
quando for necessário, até ao sacrifício,
um coração cuja felicidade é palpitar com o coração de Cristo
e cumprir humilde, fiel e virilmente a vontade divina".

Assim seja!

† António Sousa Braga

Alfragide, 17 de maio de 2020
Aniversário da minha ordenação presbiteral